

Os Bastidores Brasileiros de *Orpheu*: páginas da revista *Fon-Fon!* (1912-1914)

Rui Sousa*

Keywords

Ronald de Carvalho, Eduardo Guimaraens, Luiz de Montalvor, *Orpheu*, *Fon-Fon!*

Abstract

This dossier intends to reveal some documents that help to highlight the importance of the Brazilian aspect contained in the large project of the *Orpheu* magazine. We present some pages of the Brazilian magazine *Fon-Fon!* that, by publishing or referring to poets which were to become associated with the Portuguese Modernist magazine, contribute to measure one of the least known pieces of the large puzzle of roots and influences that made *Orpheu* a singular magazine in the context of Modernism.

Palavras-chave

Ronald de Carvalho, Eduardo Guimaraens, Luiz de Montalvor, *Orpheu*, *Fon-Fon!*

Resumo

Este *dossier* procura revelar um conjunto de documentos que ajudam a evidenciar a importância da vertente brasileira no âmbito do amplo projecto da revista *Orpheu*. Recolhem-se páginas da revista brasileira *Fon-Fon!* que, publicando ou referindo os poetas futuramente associados à revista modernista portuguesa, ajudam a dimensionar uma das peças menos conhecidas do amplo puzzle de raízes e de influências que converteu *Orpheu* numa revista singular no contexto do Modernismo.

* Clepul (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa).

No dia 28 de Dezembro de 1912, aparecia nas páginas da revista carioca *Fon-Fon!* a notícia da chegada, menos de um mês antes, do poeta português Luís Ramos ao Brasil (**Fig. 1**). Inaugurava-se assim o contexto em que emergiu um dos núcleos fundamentais para um entendimento amplo e completo do grupo de *Orpheu*, cujos integrantes foram devidamente tratados, nas suas distintas vertentes, nas páginas do recente livro coordenado por Steffen Dix, 1915 – *O Ano do Orpheu* (ed. Tinta da China, 2015).

Luís Ramos, futuramente conhecido como Luiz de Montalvor, pode ser considerado um dos mais significativos elos de ligação (a par de Ronald de Carvalho) entre o Modernismo Português, desde uma fase precoce em que ainda não se fixara nas páginas de uma publicação colectiva, e o Modernismo Brasileiro, se o entendermos numa perspectiva mais alargada, que não seja reduzida ao impacto da Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo¹. A *Fon-Fon!*, revista que começara em 1907 com o evidente programa de acompanhar de perto as transformações que a vida moderna trazia consigo, foi o lugar privilegiado para o encontro de ambos os modernismos. É portanto de todo o interesse dar a conhecer algumas páginas significativas deste periódico semanal do Rio de Janeiro, nas quais foram apresentados, publicados ou referidos os mais relevantes escritores portugueses, com particular destaque para os que se podem considerar influências comuns tanto para os poetas brasileiros da época como para os artistas de *Orpheu*; e no qual nos parece ter-se anunciado e desenvolvido com cada vez maior alcance e consciência aquela vertente do projecto de *Orpheu* que é da responsabilidade de Montalvor e de Ronald de Carvalho e que, pelo menos num primeiro momento, terá parecido aos futuros directores do número 2 da revista suficientemente adequada para a simbiose com os projectos entretanto desenvolvidos no contacto com a tradição moderna portuguesa, o contemporâneo movimento da *Renascença Portuguesa* e a recepção constante de ecos da Europa cosmopolita das Vanguardas.

Há duas faces de Jano que caracterizam a singularidade de *Orpheu*: uma, a diversidade das colaborações; outra, a exuberante diferença expressa nas capas dos dois números de 1915, que não deve ser reduzida a uma simples mudança de horizontes por parte do grupo órfico, mas a um aspecto fundamental desta geração de artistas: os órficos coincidiam na recusa de um programa único, na aceitação de um passado comum (que não se recusa e se assume como objecto de trabalho para novas e mais aprofundadas incursões e inovadoras pesquisas), e na apologia da individualidade criadora. O facto de alguns dos colaboradores serem leitores da revista inglesa *Blast* e de Camilo Pessanha (cuja colaboração foi projectada), e serem influenciados por ambos, é um perfeito exemplo do carácter plural da

¹O projecto de uma publicação que permitisse aproximar as literaturas portuguesa e brasileira conheceria uma concretização mais evidente nas páginas da revista *Atlantida : mensário artístico literário e social para Portugal e Brazil*, dirigida por João do Rio e por João de Barros, e que se prolongaria, contando com um total de 48 números, de 15 de Novembro de 1915 a Janeiro de 1920.

revista, carácter que tem sido sucessivamente assinalado pelos seus autores e críticos.

Um breve olhar dedicado à revista *Fon-Fon!* permitirá compreender em que medida os enquadramentos que a nortearam são próximos daqueles que motivaram parte das reflexões que incidiram em *Orpheu*. No comentário introdutório ao volume comemorativo *Fon-Fon! Buzinando a modernidade* (2008), Cesar Maia lembra que “o título da revista, inspirado no som de uma buzina de carro [...] não poderia ser mais sugestivo para anunciar, na capital do país, a chegada do século XX com todas as suas mudanças” (in Braga, 2008: 5)². Procurando manter um permanente diálogo com as novidades provenientes dos meios cosmopolitas europeus, nomeadamente de Paris, e acompanhar a transformação do Rio de Janeiro em virtude da gradativa adopção das novas tecnologias, transportes, modelos culturais e comportamentais, *Fon-Fon!* era também um dos palcos principais para a publicação, o incentivo e a divulgação crítica de uma nova geração de poetas. Alguns destes poetas, aliás, entraram ou poderiam ter entrado nas páginas da revista *Orpheu*: refiram-se os nomes de Mário Pederneiras, um dos fundadores da *Fon-Fon!*, Felipe d’Oliveira, Olegário Mariano, Homero Prates, Rodrigo Otávio Filho, Eduardo Guimaraens, Carlos Maul, Ronald de Carvalho, Luís de Montalvor e Álvaro Moreira, entre outros. De facto, as cartas trocadas entre Carvalho e Montalvor – compiladas por Arnaldo Saraiva em *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português* – testemunham que os poemas de alguns desses autores chegaram a ser enviados por Carvalho a Montalvor, com o objectivo de que os poemas fossem publicados em *Orpheu*. Foi assim que Eduardo Guimaraens foi efectivamente integrado nesta revista e mencionado como potencial colaborador de um segundo número da *Centauro* (cf. Saraiva, 2004: 336-337).

Quanto ao grupo da *Fon-Fon!*, Álvaro Moreira fixou uma exemplar imagem nas suas memórias:

A geração do *Fon-Fon!* era tida por simbolista. Na verdade era maníaca. Se os dois adjetivos não qualificam o mesmo substantivo, a diferença deve ser essa. Cada um dos iniciadores e dos incorporados, sem nenhuma combinação, adorava o Outono, o Poente, o Incenso, [...] os Pierrots de Willettem, a Boémia de Puccini, os Noturnos de Chopin, Bruges com todos os canais, Paris com todas as canções... Geração estrangeira. Estávamos exilados no Brasil. Achávamos tudo ruim aqui. [...] Gerações espontâneas. Foi a geração do *Fon-Fon!* que espalhou o verso livre pelo Rio e pelos Estados. O verso de Mário Pederneiras.

(Moreira, 2007: 66)

Em termos de atitude e de motivações, este retrato não anda muito longe de um outro que poderia ser escrito para descrever o encontro entre Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, José de Almada Negreiros, Alfredo Guisado, Côrtes-

² Existe um pdf em rede: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101430/memoria22.pdf>

Rodrigues, José Pacheco, Guilherme de Santa-Rita, Raul Leal e Amadeo de Souza Cardoso (e que seria próximo, por exemplo, da entrevista de Almada Negreiros para o *Zip Zip*, em 1969). O interesse pelos simbolistas mais velhos e marcantes, como Pederneiras, poderá de algum modo equiparar-se ao que em Portugal se dedicou a Ângelo de Lima e a Camilo Pessanha; o respeito e admiração pelos grandes vultos da cultura finissecular, assim como a adoção de alguns das suas mais icónicas figuras (como Pierrot ou Salomé), era partilhado dos dois lados do Atlântico; o desencontro face ao contexto nacional, considerado em quase todos os aspectos desprezível, e contrário aos impulsos criadores mais avançados, era comum a todos, colaboradores de *Fon-Fon!* e de *Orpheu*, que lutavam contra os “leptidópteros” circundantes; e, por último, uns e outros, através de inovações técnicas como o verso livre, procuravam renovar a moderna poesia portuguesa e brasileira.

Voltemos, pois, a Montalvor, um dos principais elos de ligação entre as revistas *Fon-Fon!* e *Orpheu* na primeira metade da década e 1910. A 22 de Fevereiro de 1913, surge uma nova referência a Luís Ramos em *Fon-Fon!*, na mesma página em que se anuncia a partida de Ronald de Carvalho para Paris. Esta referência permite supor que Montalvor e Carvalho só se conheceram depois do regresso do segundo ao Rio (**Fig. 2**). Em ambos os casos, a *Fon-Fon!* salienta com particular assertividade a conjugação entre juventude e modernidade: Ronald de Carvalho “é um poeta que surge vigoroso, forte e com uma larga visão do moderno sentimento do Verso” e “uma nova e empolgante feição litteraria”; Luiz Ramos, embora tido por desconhecido, é assinalado como “poeta, poeta verdadeiro desta geração moderna de poetas portugueses”, com um temperamento desenhado de acordo com o ambiente misterioso, melancólico, ritmicamente sugestivo da nova poesia portuguesa (tal como caracterizada nas páginas de *A Águia* por Fernando Pessoa, em “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada”, 1912).

A este respeito, convém esclarecer que embora não se saiba se os ecos da primeira publicação pessoana terão chegado ao Brasil, *A Águia*, o órgão da *Renascença Portuguesa*, não era desconhecida no principais centros urbanos brasileiros. E que as confluências eram diversas. Assim, a 6 de Setembro de 1913, Mário Pederneiras (M. P.) criticava o panorama literário português da época de uma forma que recorda os comentários trocados entre Pessoa e Sá-Carneiro na sua correspondência de 1913 (**Fig. 3**). A 25 de Março, por exemplo, Sá-Carneiro insiste na “possível monotonidade” (2001: 60) da poesia de Mário Beirão, autor d’ *O Último Lusíada*, e a 14 de Maio, Pessoa – em palavras resgatadas por Sá-Carneiro – descreve a *Renascença* como “uma corrente funda, rápida, mas estreita” (Sá-Carneiro, 2001: 88). Logo no início do seu comentário, Pederneiras estabelece um contraste significativo entre o “moderno movimento poético de Portugal”, como primeiro lhe chama, e a “moderna geração de poetas portugueses”, indiciando que, apesar de jovens, não representam o que ele entende por “moderno”, pois

essa geração “não possui um poeta forte, que emocione pela amplitude do assumpto, nem pelo rigor da forma”. Personalidade que facilmente se poderia reconhecer no poeta que Pessoa anunciara em “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada” e em artigos subsequentes.

Refira-se, ainda, que o próprio movimento saudosista, central no programa filosófico e estético da *Renascença Portuguesa*, é encarado com desconfiança por Pederneiras, que lê a poesia portuguesa do seu tempo como “triste, extremamente triste, cantando maguas, chorando o passado, evocando a languidez das recordações”, e a faz remeter para António Nobre. Além disso, lamenta a ausência em Portugal de “um discípulo ao menos da musa franca e leal, e da grande naturalidade de Cesário Verde”, ou pelo menos “da originalidade, às vezes excessiva de Eugénio de Castro”. Um comentário muito significativo, se recordarmos que Cesário Verde e Eugénio de Castro são duas importantes referências literárias para os poetas de *Orpheu*. Este tipo de apreciações terá facilitado a apresentação que Pessoa de Ronald de Carvalho, relevante figura do grupo que se concentrava na época em torno de Mário Pederneiras, em carta a Armando Côrtes-Rodrigues datada de 19 Fevereiro de 1915, onde o descreve como “um dos mais interessantes e nossos dos poetas brasileiros de hoje” (Pessoa, 1998: I, 48).

Cumprasse assinalar que no mesmo ano de 1913, em que se projecta em Portugal uma publicação colectiva capaz de representar uma nova escola e encarnar uma voz crítica, no Brasil, do outro lado do Atlântico, já se fazia sentir uma preocupação semelhante. A 26 de Abril, encontra-se em *Fon-Fon!* uma nota significativa (**Fig. 4**):

A actual geração literaria, precisa movimentar-se e dar á sua passagem pelas nossas letras um cunho de vitalidade e de competencia.

Todos estes bellos espiritos que surgem, com um brilhantismo offuscante e com um intenso valor incontestavel, precisam iniciar um movimento em que o seu destaque seja decicivo e benefico.

Ao em vez disto, ha como que uma grande dispersão, um affastamento incomprehensivel, de modo que, só destacados apparecem e lutam.

Em todas as gerações litterarias, tem-se dado esta especie de movimento colectivo, em torno de uma idéa ou de uma esthetica nova. [...]

Sempre tivemos, num inicio de geração, um natural periodo de lutas, congregadas numa revista especial, onde dominavam os superiores do agrupamento, e onde se acolhiam todos aquelles que vinham para apostolisação da nova Crença.

Hoje não ha uma revista desta especie. E todas as que surgem visam apenas a popularidade da Rua, sem o necessario exclusivismo de um jornal de doutrina.

A geração actual está, portanto, em divida, neste ponto, com o nosso movimento literario.

Ora, parece-nos perfeitamente possível sugerir que a revista idealizada por Montalvor e Carvalho no Brasil, cujo nome – *Orpheu* – foi cunhado no seio da amizade próxima entre ambos, cristaliza a reacção de alguns dos jovens poetas do

grupo a que estavam associados face à necessidade de conjugarem as suas individualidades criadoras. Não faltam a esta nota aspectos tão peculiares do conteúdo discursivo dos bastidores de *Orpheu*, como o são: (1) a percepção de que mediante uma revista literária as novas gerações poderiam reagir à dispersão das energias dos que nelas se conjugavam, coordenando-se em torno de alguns vultos mais relevantes, possíveis iniciadores de uma nova escola; e (2) a compreensão de ser conveniente ultrapassar o mero escândalo da “popularidade da Rua”, atendendo aos escândalos de certas representações futurista e à súbita proliferação de periódicos efémeros (dos quais *Fon-Fon!* fazia parte)³. Na sequência de cartas de Pessoa para Côrtes-Rodrigues, de Setembro de 1914 a Janeiro de 1915, também são frequentes as passagens em que o poeta dos heterónimos sublinha a necessidade de algo mais do que a pura provocação sem consequências.

Outro fenómeno que se evidencia nas páginas de *Fon-Fon!* e que se assemelha ao que acontece em *Orpheu* é a proliferação de anúncios de projectos editoriais nunca concluídos ou dados à estampa. Recordem-se, entre outros, os casos de Fernando Pessoa, que logo em *Orpheu* 1, anunciava um dos muitos projectos dispersos pelo seu espólio, *Arco de Triunfo*; e as conferências de Santa Rita Pintor, de Manuel Jardim, de Raul Leal e de Mário de Sá-Carneiro anunciadas em *Orpheu* 2. Mas prossigamos.

No número de 29 de Março de 1913, a revista *Fon-Fon!* voltava a dedicar atenção privilegiada a Luís de Montalvor, classificando-o novamente como um dos “poetas novos” e apresentando-o já de acordo com o pseudónimo que o tornaria célebre (Fig. 5). Nesta nota, refere-se *O Lusíada encantado*, um livro em preparação e descrito como um “*tour de force* neste momento pleno da literatura portuguesa”. Na nota da *Fon-Fon!* figura a estrutura do livro, constituído por doze partes, cujos títulos são enunciados, o que contribui para preparar o ambiente para a revelação do livro, timidamente antecipado: “Conseguimos que Luiz nos mostrasse um excerto que fosse do seu livro, e foi da confusão de notas rabiscadas n’um caderno que extrahimos alguns versos da Elegia da Chimera”. Curiosamente, o título desses versos em destaque aproxima-se do título definitivo da publicação de versos de Eduardo Guimaraens, *A Divina Quimera*. De facto, também o poeta rio-grandense teria pelo menos um livro pre-anunciado nas páginas de *Fon-Fon!*. A 26 de Abril, no mesmo número em que os editores referiam a necessidade de uma publicação colectiva que desse consistência à jovem geração de poetas, era anunciada a leitura do livro de versos de Guimaraens, *Do Ouro, do Sangue e do Silencio*, que desde 12 de Outubro de 1912 aparecia nas páginas da revista como volume do qual se extraíam os poemas publicados pelo poeta (Fig. 6)⁴. Este

³ Veja-se o texto “Em revistas, o simbolismo e a virada do século”, de Vera Lins, publicado em *Fon-Fon! Buzinando a Modernidade*.

⁴ Alguns meses depois, aquando da polémica com José Oiticica a que nos referiremos, será também mencionado o livro *Poemas Suaves e Ardentes*.

projecto é tido como reflexo da “forte organização intellectual e esthetica de Eduardo Guimaraens”, da qual o “Soneto a Fausto” revelaria o tom dominante. No número seguinte da revista, a 3 de Maio, Guimaraens é apresentado como representante de uma nova geração de poetas brasileiros, na sua maioria vindos do Rio Grande do Sul (**Fig. 7**):

Há por todas aquellas paginas magnificas, que a intimidade carinhosa do poeta nos permittiu lêr, a fulguração quente e luminosa de Ouro novo; o sabor acre e impressão escarlate do Sangue vivo e, por fim, o encanto socegado, longo e suggestivo do Silencio.

Eduardo Guimaraens é um poeta pessoal, possuindo uma nitida visão esthetica da Arte difficil do Verso e sabendo movimentar e impor a emoção que detalha ou o sentimento que analisa.

Esta é, aliás, a característica preciosa da moderna geração de poetas riograndenses, que vamos conhecendo agora. Cada um tem o seu geito, o seu feitio, e a sua nota pessoal.

Será de atentar, antes de prosseguir, em dois aspectos que esta nota deixa perceber: (1) a singularidade como característica fundamental do valor de cada um dos novos poetas, algo que, como veremos, é decisivo também no discurso dos poetas portugueses de *Orpheu*; e (2) a complexa conjugação entre emoções e sentimentos, e o subsequente processo de detalhe e análise, ou seja, de intelectualização, um motivo que Pessoa utiliza para definir as características predominantes da nova poesia portuguesa⁵.

Ronald de Carvalho é, contudo, o poeta que exhibe o caso mais paradigmático de um processo de evolução marcante neste período transfigurador, conhecendo mesmo o que, com as devidas distâncias, parece quase um “dia triunfal”, à semelhança do mito pessoano. Na notícia de Janeiro de 1913 em que *Fon-Fon!* se despedia do seu colaborador regular, anunciando a sua viagem para a capital francesa, lê-se: “Ronald parte em Março para a Europa e de lá nos enviará o seu primeiro livro de versos – *Poema da Luz*, obra forte, de assumpto bebido em todas as manifestações da nossa bizarra Natureza, no que ella tem de esthetico e de sentimental”. Um ano mais tarde, Mário Pederneiras (M. P.), numa recensão a *Luz Gloriosa*, entretanto publicado em Paris, expõe de modo significativo o percurso que conduziu de um projecto a outro (**Fig. 8**):

Não se póde fallar do bello livro de Ronald de Carvalho, sem se registrar uma nota interessantissima de verdadeira abnegação... litteraria. Quando Ronald partiu para a viagem á Europa, levava prompto para imprimir, um volumoso livro de versos, o seu livro

⁵ Este motivo percorrerá uma parte considerável da reflexão poética de Fernando Pessoa e remonta pelo menos ao contexto de fixação mítica de um dos precursores da modernidade literária portuguesa: Antero de Quental. Lembremos que, na apresentação dos seus *Sonetos Completos*, Oliveira Martins afirmava: “É sabiamente um poeta na mais elevada expressão da palavra; mas ao mesmo tempo é a inteligência mais crítica, o instinto mais prático, a sagacidade mais lúcida, que eu conheço. É um poeta que sente, mas é um raciocínio que pensa. Pensa o que sente; sente o que pensa” (Quental, 2002: 62).

de estréia, em que o numero de cousas boas era muito inferior ao de cousas inúteis, que só serviriam para alistar o novo Poeta na fileira inexpressiva dos inúmeros poetas secundários.

Depois de instalado em Pariz, Ronald, uma noite, no socego do seu apartamento, releu o seu livro, cuidadosamente, despreocupadamente.

Releu-o e não gostou; achou-o falho e cheio de impressões estranhas.

Longe do aplauso incondicional das *coteries* litterarias e das amizades pessoas, do elogio fácil da imprensa e de estímulos extemporaneos, sozinho, isolado em terra estranha, a idade mais sazoadada, o espirito mais educado pela boa leitura são e digna, o Poeta avaliou bem a inutilidade que representava o esforço daquelle livro, sem feição individual, nem segura nota de emoção real. Acabou de relê-lo, retirou-lhe duas ou tres poesias que lhe pareciam melhores e atirou ao fogo, resolutamente, o resto dos versos que deviam constituir o seu livro. E isto tudo sem arrependimentos, sem exaggeros, calmamente, como se fizesse a cousa mais natural do mundo.

No dia seguinte, Ronald de Carvalho, começou a trabalhar no novo livro, que foi a sua grande preocupação, durante o tempo em que esteve na Europa.

Este livro ahi está, impondo-se como um trabalho superior, uma obra original e emotiva.

Esta nota faz pensar que o contacto com a capital europeia da cultura, num clima de absoluto exílio e interiorização (tão caro aos poetas de *Orpheu*), potenciou em Ronald de Carvalho um espírito novo, capaz de o converter de autor de uma obra de assuntos bebidos “em todas as manifestações da nossa bizarra Natureza”, em representante por excelência dos “Poetas Modernos”. De facto, *Luz Gloriosa* constitui um dos primeiros livros publicados por um (futuro) colaborador da revista *Orpheu* (de 1913 são *A Liberdade Transcendente*, de Raul Leal, e *Rimas da Noite e da Tristeza*, de Alfredo Guisado), e o exemplar que Ronald de Carvalho dedicou a Fernando Pessoa motivou a única missiva conhecida do poeta português para o (futuro) colaborador da *Semana de Arte Moderna* de 1922. Essa carta, aliás, apresenta indícios de que Pessoa terá apreciado a poesia de *Luz Gloriosa* e encontrado tópicos comuns, sobretudo – como se poderá verificar pelo exemplar por Ronald oferecido e que consta da sua biblioteca⁶ – nos poemas da segunda secção da obra, “Vida Silenciosa”.

Antes de finalizar esta exposição de alguns dos muitos aspectos em que *Fon-Fon!* se assume como um interessante interlocutor dos futuros desenvolvimentos do projecto de *Orpheu* – o facto de Mário de Sá-Carneiro publicar o poema “Vontade de Dormir” no número de 24 de Janeiro de 1914 da *Fon-Fon!* é mais um elemento a ter em conta (**Fig. 9**), potenciado pela amizade entre Montalvor e os representantes dos grupos – parece-me interessante apresentar um texto de Eduardo Guimaraens extremamente importante, no qual figura um entendimento da individualidade poética que é comum ao projecto órfico. Trata-se de “Palavras a um Novo”, publicado em 25 de Outubro de 1913, e que motivou uma polémica com José Oiticica (**Fig. 10**). Vamos contudo ater-nos ao texto de Eduardo e aos ecos que conheceu em números subsequentes de *Fon-Fon!*, nomeadamente em 29 de

⁶ Consultável em http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/8-93/2/8-93_item2/index.html.

Novembro. Se é verdade que este texto contraria muitas das perspectivas pessoais, nomeadamente no que respeita à recusa da aniquilação de um Eu individual, será importante reter algumas das suas ideias, nomeadamente ao abordar assuntos como a supremacia dos grandes poetas perante as correntes literárias, afim de algumas concepções pessoais a respeito do génio, e a recusa da subjugação da arte a qualquer moral ou doutrina exterior, concepção de algum modo herdada do esteticismo finissecular. Para Guimaraens, o que fica da arte verdadeira é “o que havia da alma do artista, feita emoção, feita imagem, feita *rythmo*”, o que aponta tanto para um subjectivismo devedor da tradição romântica, que Pessoa procurará combater em boa parte do seu projecto estético, como para a supremacia do imaginário, do sonho e da musicalidade. O poeta da *Divina Quimera* é, também, um acérrimo opositor das doutrinas teóricas que procuram fazer confluir a arte para o domínio da ciência e da expressão naturalista da realidade, contrapondo-lhes a noção de que “em arte, não ha theoria possível, não ha idéas centraes dominantes, scientificas ou não, a obedecer. Tudo é alma, emoção, instinto”. Mais uma vez, se esta concentração excessiva nas componentes pessoais do indivíduo, ao nível do sentimento, da emoção e do instinto divergem de alguns projectos modernistas – se estes forem restringidos aos domínios de questionamento da unidade identitária do sujeito –, será interessante lembrar que também Pessoa reflectiu, em apontamentos de cerca de 1913, a respeito do processo pelo qual “a arte moderna se tornara a arte pessoal”, exigindo “uma interiorização cada vez maior – para o sonho crescente, cada vez mais para mais sonho” (Pessoa, 1967: 156); e que, entre os conselhos que Eduardo fornecia ao seu jovem interlocutor não identificado, o sonho adquire um lugar de destaque: “tudo está, a principio, em ler, ler muito, ler tudo [...]. Sentir o que leias, sobretudo. É preciso, depois, que vivas. Eu te direi: vive, ama, sofre. Sonha, acima de tudo! Sê o mais possível tu mesmo: porque a maior parte do mal está em aniquilar a noção do Eu. Toda a tua poesia será imediatamente original”. Parece existir uma deliberada aproximação entre os planos do sonho e da identidade, que propicia uma outra forma de compreender a noção do Eu, que já não é a do subjectivismo romântico expresso enquanto experiência simples, mas uma projecção de um mundo onírico adquirido no contacto do sujeito com o mundo exterior e depois trabalhado poeticamente.

Para se apreciar devidamente o alcance deste texto, bastará por outro lado ver como em 29 de Novembro Mário Pederneiras (M. P.), num texto em que promove as vozes poéticas que entende estarem implicadas na renovação da poesia brasileira, adopta as considerações de Eduardo Guimaraens como síntese desse projecto (**Fig. 11**):

Sempre fomos o povo do lugar commum e da forma consagrada. A nossa preguiça de renovar, já passara a sentimento nacional, em Arte como em tudo mais.

O nosso Verso ficara na sumptuosidade parnasiana ou na repetição de velhas formas românticas extintas. Só era Poeta quem se norteara por esse rumo consagrado.

E só podia ter valor quem a essas duas formulas se cingisse.

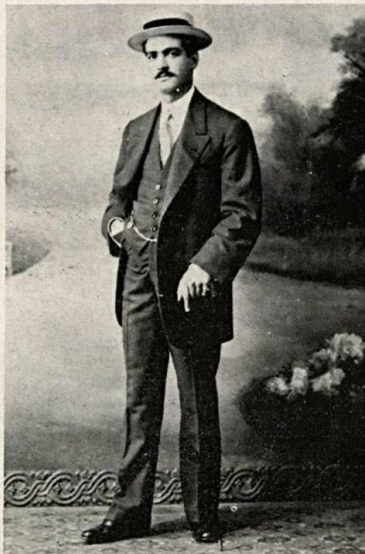
A actual geração de Poetas veio mostrar que ha também Poetas e magníficos Poetas, sem que seja preciso atar-se a qualquer uma dellas.

Eduardo Guimaraens disse, com uma precisão admiravel que não ha escolas que fiquem; ficam os Poetas que são bons e os livros que tem merito. Foi o que aconteceu com o romantismo, com o parnasianismo e ha de acontecer com a geração de hoje.

O ataque de *Orpheu* contra as formas estabelecidas e a moral socialmente consagrada seguiu certamente este mesmo sentido, opondo à onnipresença de modelos e de fórmulas consideradas ultrapassadas, uma comum necessidade de reunir num único projecto distintas expressões artísticas tidas por modernas ou relevantes. Como anunciava Pessoa na importantíssima carta dirigida a Camilo Pessanha, “a nossa revista acolhe tudo quanto representa a arte avançada; assim é que temos publicado poemas e prosas que vão do ultra-simbolismo até ao futurismo” (Pessoa, 1999: 121; 2009: 382-384); é essa “série infindável de ismos” que Almada, em 1965, apresentava como característica nuclear de *Orpheu* (Almada Negreiros, 1965: 24) e que, quanto a nós, parece em certa medida ser equacionada, por vias distintas, nas páginas da revista *Fon-Fon!*, ao longo do ano de 1913, considerado unanimemente crucial para o Modernismo.



RIO EM FLAGRANTE



O jovem litterato, Carvalho Cunha, sobrinho do Sr. F. Ferreira Real, auxiliar da firma Antonio da Silva Ferreira & C. posando especialmente para o *Fon-Fon* na Quinta da Boa Vista.



Oscar Teixeira e demais signatarios da carta que nos foi dirigida sobre a publicação de "Fausta" (Rio) — Apenas devido a exigencias de serviço deixamos de satisfazer o pedido que nos fazem. Em todo caso, logo que terminarmos a publicação d'Os Pardalillan, que vamos iniciar agora, daremos publicidade á *Fausta*.

Mme. Curieuse—Encontramolo hontem na Avenida e cautelosamente indagamos o nome do elixir, como lá diz V. Ex., que o tem transformado num dos mais bellos typos de homem sadio que anda por ahi.

Respondeu-nos a rir: *Agua Corcovado* ..

Mlles. Nordisk (Rio) — Estranhamos o theor do seu telegramma, pois que respondemos sempre e com solicitude ás consultas de V. Exas. Trata-se naturalmente de alguma carta que não nos chegou ás mãos. *Fon-Fon* nunca deixa de ser gentil com o bello sexo, principalmente quando pedem a sua opinião.

Mlle. O. D. (Copacabana)—Então, já «resolveu» o caso do retrato?

Mlle. C. B. (Botafogo) — Aquele kimono! Aquele kimono!... Faz muito bem em guardal-o!

Léo (Rio)—Então Petropolis é melhor do que Copacabana? Ora com licença!...

Maria (A' beira mar) — O nome é tão trapalhado como a idéa que lhe suggere, creia. E a verdade é que «tudo aquillo» não passa d'uma phantasia.

Imagine que até já «trabalharam» juntos!... Quem lhe contou a historia, provavelmente, não sabe distinguir um gesto de boa educação de um outro de... sinceridade.

Mlle. X... (Cidade)—Mas então aprecia esse sport de jogar o serio?

Nós tambem, aoezar de dizerem por ahi que é assim a primeira phase do *flirt* — esse perigo que importamos da America...

ESTAFETA

Simplicio tem umas ideias exquisitas sobre o duello.

- Os homens bateram-se afinal? pergunta elle.
- Bateram-se
- Trocaram duas balas?
- Duas.
- Do mesmo calibre?
- Do mesmo.
- Do mesmo metal?
- Do mesmo.
- Da mesma arma?
- Da mesma.
- Então para que esta *fita* de terem trocado?

RIO EM FLAGRANTE



Luiz Ramos é um novo poeta portuguez, desta nostalgica escola portugueza de agora, tão cheia de sentimento e tão encantadoramente emotiva.

Luiz Ramos veio para o Brasil, não faz um mez ainda. Deu-nos o prazer da sua visita e alto regalo de nos offerecer uma *plquette* sua: *A Caminho*, extracto de um livro a publicar, com um titulo simples de *Interior*.

Por essa *plquette* sente-se logo o poeta simples, espontaneo e meigo que é Luiz Ramos.

Brevemente o jovem poeta portuguez se apresentará ao publico carioca em uma conferencia, que vae realizar no salão da Associação dos Empregados do Commercio.

Fig. 1. *Fon-Fon!*, 28 de Dezembro de 1912.
Anúncio da chegada de Luiz Ramos ao Brasil.



✿ Uma lição de Fon-Fon e lição de amigo, conselho de velho camarada e com o qual abre os olhos da inexperiência:

Quando os senhores quizerem tomar um taxi reparem primeiro se o tubo do taxímetro está ligado às rodas dianteiras ou trazeiras do veículo. Se estiver ligado a alguma das rodas trazeiras, desconfiem da honestidade do aparelho na marcação do preço pelo numero de metros vencidos. E a razão é simples: as rodas dianteiras têm as suas rotações precisas, exactas, conforme a marcha e a distancia a vencer, mas, as rodas trazeiras, innumeradas vezes *derrapam* e fazem, de repente, um numero de rotações rapidas no duplo, no triplo ou no quadruplo das suas companheiras da frente.

Resultado: se o tubo do aparelho estiver ligado às rodas trazeiras, o referido aparelho marca, pelas rotações demasiadas das rodas de traz, mais do que deveria marcar se as rotações fossem tantas quantas deviam ser na distancia percorrida.

Além disso, quando o tubo aparelho é ligado às rodas trazeiras, póde o *chauffeur* provocar derapagens e portanto rotações em maior numero das mesmas rodas, por meio de um pedal de que elle dispõe no local que occupa no seu carro.

E nada levamos pela lição.

Bem se vê que *Fon-Fon*, como o *Pathé-Journal*, tudo sabe, tudo vê e de tudo informa.

✿ Ronald de Carvalho é um poeta que surge vigoroso, forte e com uma larga visão do moderno sentimento do Verso.

As columnas de *Fon-Fon* contam-no como um dos seus mais distinctos colaboradores. E aqui já tem elle exhibido amostras reaes do seu merito incontestavel e a sua nova e empolgante feição litteraria.

Ronald parte em Março para a Europa e de lá nos enviará o seu primeiro livro de versos — *Poema da Luz*, obra forte, de assumpto bebido em todas as manifestações da nossa bizarra Natureza, no que ella tem de esthetico e de sentimental.

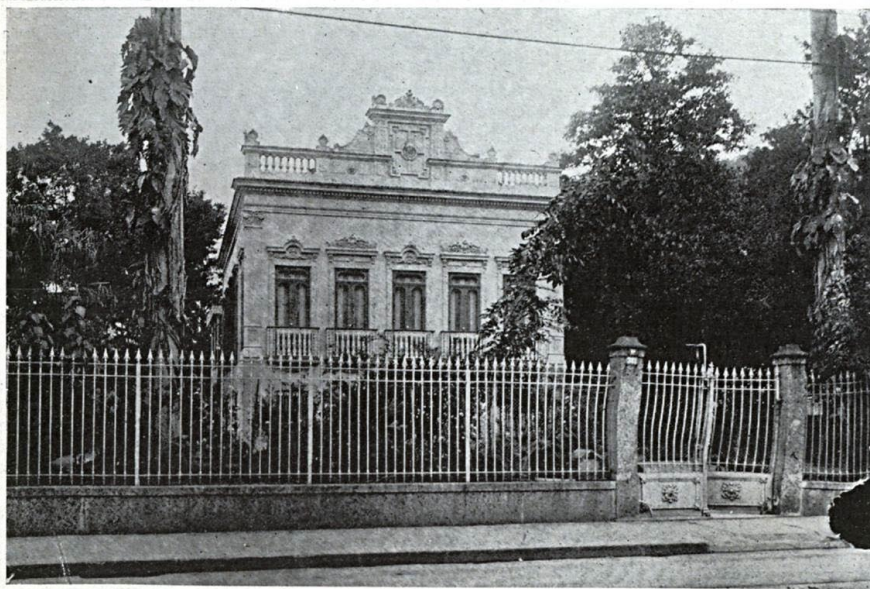
Pode dizer-se que Ronald é um pantheista-symbolico, sem os inconvenientes difficeis do symbolismo primitivo, e que o seu symbolo tem uma grande suavidade e uma grande cor, que lhe dão aos versos um sincero sentimento emotivo e de descripção.

E aqui fica esta noticia agradavel para os que amam os bons versos.

✿ Luiz Ramos — Vocês conhecem Luiz Ramos? Certamente, não conhecem, nem elle se incomoda muito com isto. E' um poeta portuguez, moço e nostalgico, culto e modesto, como toda a gente de merito. Veio de Portugal, sosinho, sem reclames e aqui chegou trazendo apenas a sua lyra sentimental e uma decidida vontade de trabalhar.

Luiz Ramos é poeta, poeta verdadeiro desta geração moderna de poetas portuguezes. O seu verso tem nostalgias no rythmo e no assumpto e o que elle canta é sempre bom, sempre triste, sempre suave, dessa tristeza e suavidade que são o caracteristico da velha alma portugueza, que Luiz Ramos agora, aqui representa tão sinceramente com um encanto tão deliciosamente communicativo.

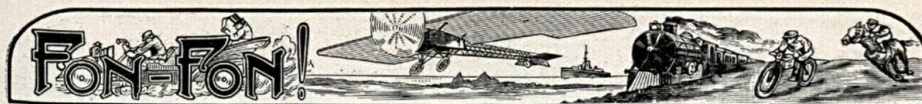
A COLONIA MARANHENSE



Photographia do confortavel palacete á rua Voluntarios da Patria, residencia do estimado senador pelo Maranhão, Dr. Urbano Santos.

Fig. 2. *Fon-Fon!*, 22 de Fevereiro de 1913.

Anúncio da partida de Ronald de Carvalho para Paris e referência a Luiz Ramos.



Fon-Fon! nos Estados Unidos



O Doutor Lauro Muller na Califórnia, junto à primeira laranjeira que ali se plantou em 1874 proveniente da Bahia. Estão em sua companhia o capitão Le Vert Coleman, addido militar à Embaixada no Rio, capitão Bulmer, da marinha americana, José Francisco de Barros Pimentel, 1º secretário de Embaixada, Dudley Field Malone, assistente do sub-secretário de Estado e senhora, capitão Fonseca, addido à missão, capitão de fragata Antonio Fonseca, e F. L. Cook, do Department of State.



O MEU DOMINGO

O moderno movimento poetico de Portugal, ou mais claramente; a moderna geração de poetas portugueses, não possui um poeta forte, que emocione pela amplitude do assumpto, nem pelo rigor da forma.

A poesia portugueza actualmente, é triste, extremamente triste, cantando maguas, chorando o passado, evocando a languidez das recordações.

Afonso Lopes Vieira, Mario Beirão, Teixeira de Paschoaes, Corrêa de Oliveira, todos elles tange a mesma nota de tristeza, de nostalgia e de amargura.

São todos como o desdobramento intellectual de Antonio Nobre que, entretanto, é o mais elevadamente sincero, pelas suas tristes circumstancias de vida doente.

Não ha hoje em Portugal, um discipulo ao menos da musa franca e leal e da grande naturalidade de Cesario Verde, nem mesmo da originalidade, ás vezes excessiva de Eugenio de Castro.

A poesia portugueza de hoje é exclusivamente dolorosa e triste e o abuso da toada melancolica da trova e do fado, dá-lhe uma impressão de dolencia e de infelicidade.

Levo o meu domingo a ler modernos Poetas portugueses. E fica-me no espirito uma grande tristeza indefinida toda feita da toada dolente da trova e da amarga philosophia que de todos elles transpira.

A poesia portugueza atravessa uma epoca de desolação e de descrença que, felizmente, ainda não nos attingiu. — M. P.

Elle — Que ideia foi esta de te vestires hoje deste modo? Parece que estás de luto aliviado...

Ella — Nada de mais natural, pois que todas as noites quando chegas me dizes que estás meio-morto!

Fig. 3. Fon-Fon!, 6 de Setembro de 1913.

Crónica de M.P. (Mário Pederneiras) sobre a Renascença Portuguesa.



☛ A actual geração literaria, precisa movimentar-se e dar á sua passagem pelas nossas letras um cunho de vitalidade e de competencia.

Todos estes bellos espiritos que surgem, com um brillantismo offuscante e com um intenso valor incontestavel, precisam iniciar um movimento em que o seu destaque seja decicivo e benefico.

Ao em vez disto, ha como que uma grande dispersão, um afastamento incomprehensivel, de modo que, só destacados apparecem e lutam.

Em todas as nossas gerações litterarias, tem-se dado esta especie de movimento colectivo, em torno de uma idéa ou de uma esthetica nova.

Foi assim com os velhos romanticos donjuanescos, foi assim com os parnasianos, foi assim com os chamados *novos* ou decadistas.

Sempre tivemos, num inicio de geração, um natural periodo de lutas, congregadas numa revista especial, onde dominavam os superiores do agrupamento e onde se acolhiam todos aquelles que vinham para a apostolisação da nova Crença.

Hoje não ha uma revista desta especie. E todas as que surgem visam apenas a popularidade da Rua, sem o necessario exclusivismo de um jornal de doutrina.

A geração actual está, portanto, em divida, neste ponto, com o nosso movimento literario.

Fon-Fon! em Minas



A graciosa senhorita Annita Fernandina de Andrade, noiva do Sr. Attila Pimentel, activo fuccionario da Central do Brazil. A senhorita Annita é filha de umas das mais distinctas familias de Sete Lagoas.

NOTAS MUNDANAS



A gentil senhorita Maria Celeste Bernardez, filha do Sr. Consnl Geral do Uruguay, cujo anniversario deu motivo para uma encantadora festa social no Grande Hotel. M.lle Celeste apparece neste retrato num bello costume de cigana com que dansou dansas hespanholas com sua irmã M.lle Gloria num festival de caridade na Argentina.

☛ Eu tenho, como quasi todos os homens, o mais incondicional enthusiasmo pela elegancia das *toilettes* femininas. Amo os bons modelos, talvez tanto quanto os costureiros que os lançam; admiro-os profundamente e dos mais ricos aos mais simples.

Para a minha sensibilidade, uma *aigrette*, ás vezes, basta, ou pela côr, ou pela disposição, por uma idéa de partida para a psychologia individual de quem a usa.

Ha, entretanto, uma particularidade de meus olhos exigentes que não raro me surprehende de um modo desagradavel.

Figurem um corpo bem modelado, elegante, velado por uma *toilette* irreprehensivel.

Tenho tido muitas vezes dessas figuras diante de meus olhos e a principio não sabia como explicar a pronunciada sensação de desgardo que ellas me causavam. Nada me suggeria um reparo, tão bem combinado era tudo. . .

Emtanto comecei a notar que certas cores perdem a graça quando vistas d'alto, para baixo, ao passo que outras se tornam curiosas, cahindo pelos flancos, ou apenas cingindo o torax, ou ainda a irromperem dentre rendas e *broderies*. . .

E está visto que não me refiro ás cores berrantes e já d'ellas mesmas desgaciosas e escandalosas, mas apenas a essas lindas tonalidades caprichosas que os homens inventaram para o vestuario feminino e que tanto nos tentam.

Fig. 4. Fon-Fon!, 26 de Abril de 1913.
A nova geração literária ganha expressão colectiva.



POETAS NOVOS



Luiz de Montalvôr é um poeta que vem vindo com a nova geração portuguesa.

Luiz falou-nos, ha dias, do livro que está preparando no Brazil.

«O *Lusiada encantado* é um livro de adoração. A minha raça cantada e rezada a rythmos de desejo.

«E' um livro que poderá ser um *tour de force* neste momento pleno da literatura portuguesa. Amo-o por o achar *muito meu*. Vem de longe... E' a saudade remota d'outras éras cantada em versos de Nevoa e Scisma. São palavras de chimera que a Alta Magoa Portuguesa reza nas fontes, que são a voz de Portugal, amanhecendo na gente lusitana, óra em seus labios moribundos e somnambulos, óra em seus olhares de crepusculo e brumas.

«O meu livro é um Outubro a recordar. . . auroras e crepusculos da Raça. E' o livro do Além! Rezará o Mar, a Chimera divina dos barcos sonhadores, antigos Lusiadas perdidos d'Aventura!»

Parecia-nos já estar ouvindo o cantico das elegias, em dolencias de canaes, pelo fim de um dia de brumas e silencio, vivido bem longe...

Luiz dividiu o seu livro em doze partes, que serão: *Ode, O Além, Encantamento, Triste Lusiada, O Elogio das scismas, A réza das quilhas, O sonho das gaves, Sol-posto, Outomno, Elegia da Chimera, Crepusculo e Ode ao desejo.*

E' alma de artista mais genuinamente portuguesa e para prova do que dizemos bastam esses titulos suggestivos.

Conseguimos que Luiz nos mostrasse um excerpto que fosse do seu livro, e foi da confusão de notas rabiscadas n'um caderno que extrahimos alguns versos da *Elegia da Chimera*:

Sol-posto ungindo o mar. Insensos d'oiro,

A tarde é toda um sonho moribundo...
E' já olor da cor que amorteceu...
O céu vive no mar. Somno profundo.
A aza do rumor no ar adormeceu.

Recolhe funda a tarde em sonho e magoa,
...surdina fluida: anda o silencio a orar!
E ha crepusculos d'asas. E na agoa
O céu é marmore extatico a scismar!

E nas faces marmoreas dos rochedos
esboçam-se perfis...
Ha intimos velados...
sintillações,
penumbra de segredos...

Guichet de Informações

Henrique Simões (Santos) — Vemos, pela sua carta, que não entendeu bem as condições do nosso Concurso para a eleição do Príncipe dos Poetas Brasileiros.

A votação não é absolutamente por coupons e só votam os escriptores que figuram na lista que temos publicado.

O coupon que nos enviou, representa apenas o «fac-simile» da cedula que mandamos imprimir para ser enviada aos escriptores que constam da referida lista.

E' uma eleição com eleitorado determinado e não concurso popular.

Os poetas a que se refere não foram contemplados nesta relação, porque estão ausentes desta Capital.

O THEATRO POR SESSÕES



Carlos Bittencourt, um dos festejados autores do *Charivari*, actualmente em scena no Theatro Rio Branco.

HORLICK'S MALTED MILK A Salvação das crianças

Fig. 5. Fon-Fon!, 29 de Março de 1913
Luiz de Montalvôr, poeta da nova geração portuguesa.



OS QUE PARTEM



Embarque para a Europa do conceituado negociante desta praça, Sr. Ernani Giorelli, em companhia de sua Exm.^a família.

♣ Eduardo Guimaraens vae lêr hoje, perante um auditorio amigo e competente o seu livro de versos *Do Ouro, do Sangue e do Silêncio*.

Para os que já conhecem, como nós, a forte organização intellectual e esthetica de Eduardo Guimaraens, esta simples noticia basta pela certeza de um grande successo de verdadeira arte.

Embora o soneto abaixo não dê idéa da feição geral do livro, aqui o transcrevemos:

SONETO A FAUSTO

Tu, que a illusão levou de novo á juventude,
depois de haver-te halloado o esplendor da velhice,
para outra vez amar, ó Fausto!, que te disse,
novamente, a paixão da insomne plenitude?

Foi-te de novo hostil a carne, e o sonho rude
como outrora? Ou talvez, porque a tua alma visse
murcha a vaidade em flor do beijo, não sentisse
toda a tortura van que punge e desillude?

Deu-te, acaso, a mulher, nua de véos a face,
tudo que a ancia vital pediu de azul fugace,
tudo que a voz, sequiosa, eternamente pede?

Não! Tu soffreste mais - que a dor desencantou-se! -
tendo, inutil, ás mãos a tristeza agridoce
da Taça que é de luz mas que não mata a sede!

♣ Mais um addendo ao já complicado monumento do Marechal Floriano!

Nessa marcha, daqui mais algum tempo, toda a praça fronteira ao Municipal será um verdadeiro museu commemorativo, um aranzel de symbolos transcendentaes ao lado de grupos inquestionavelmente bem trabalhados.

Por agora foi apenas uma placa a se reunir áquella almanjarra monumental, mas a continuar assim, aquillo vae acabar, ninguem sabe como. . .

No meio de tudo isso o que mais surprehende é a coragem que tem essa gente de fazer sumir naquella confusão de bustos, placas, inscrições, inspirações de poemas historicos, a figura do Marechal de Ferro que os que o conheceram dizem ter sido um homem simples e sobrio.
Ora deixem lá o pobre do Marechal socegado. . . e a nós tambem!

ELLA (adoentada) — Adolpho, jura-me que se eu morrer, não botarás nos annuncios: *a morte levou-a aos quarenta annos*, mas sim aos trinta e dois. Sim?

— ELLE — Podes estar descansada. Se quizeres poderei dizer aos vinte e poucos.

ANTIGAL

DEPURATIVO POR EXCELLENCIA
— CURA TODAS AS IMPUREZAS DO SANGUE —
É DE GOSTO AGRADAVEL E DE ACÇÃO RAPIDA
VENDE-SE EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRAZIL

Fig. 6. *Fon-Fon!*, 12 de Outubro de 1912
Eduardo Guimaraens, poeta de *Do Ouro, do Sangue e do Silêncio*.



♣ O zelo municipal proíbe, no lindo parque, que é a Quinta da Boa-Vista, que no local que ali existe com balanços, estejam homens quando houver senhoritas ou senhoras a se divertirem no vaim dos aparelhos suspensos.

A causa da proibição é a de evitar que o olhar masculino descortine a côr das meias e das ligas das lindas balanceadas.

Ora o que succede? O que é natural, o que é logico que succeda: os expulsos que não se conformam com a expulsão, carregam com as causas della, isto é, afastam-se com as senhoritas ou senhoras que são de sua familia ou que, por sua vez,

não se conformam com a retirada de seu chefe ou acompanhante.

E os que não levam familia nem senhora ou senhorita alguma, tiram da proibição um delicioso partido: ficam de longe, de onde se vê muitissimo melhor do que de perto, é claro, contornos e côres...

E' que o zelo ou pudicicia municipal esquece que: os corpos se attraem na razão directa das massas e (e aqui é o caso) na inversa do quadrado das distancias.

A emenda municipal querendo concertar o soneto peorou-o...

NOTAS JORNALISTICAS



Aspecto do animado jantar offerecido pela redacção da nossa sympathica collega *A Noite*, ao seu activo director, Irineu Marinho. O fraternal agape realisou-se na *Rotisserie Sportman*. Como se vê é uma rapaziada sacudida!

♣ Do Ouro, do Sangue e do Silencio é o titulo bizarro e suggestivo de uma valiosa collecção de pequenos poemas que Eduardo Guimaraens, o brilhante poeta riograndense, vae publicar breve.

O titulo diz bem com o trabalho esmerado e novo do joven poeta.

Ha por todas aquellas paginas magnificas, que a intimidade carinhosa do poeta nos permittiu lêr, a fulguração quente e luminosa de Ouro novo; o sabor acre e impressão escarlata de Sangue vivo e, por fim, o encanto socegado, longo e suggestivo do Silencio.

Eduardo Guimaraens é um poeta pessoal, possuindo uma nitida visão esthetica da Arte difficil do Verso e sabendo movimentar e impor a emoção que detalha ou o sentimento que analisa.

Esta é, aliás, a característica preciosa da moderna geração de poetas riograndenses, que vamo conhecendo agora. Cada um tem o seu geito, o seu feitio, e a sua nota pessoal.

Marcello Gama, o magnifico autor das *Mulheres* que *Fon-Fon* publicou no seu numero de anniversario, tem a sua maneira moderna e pessoal de fazer o Verso e de sentil-o. E assim acontece com Alvaro Moreyra, o suave cantor da *Legenda da Luz e da Vida*; com Felipe de Oliveira, o interprete forte e sadio da *Vida Extincta*, com Homero Prates, o rico cinzelador dessas esplendidas *Horas coroadas de Rosas e de Espinhos*; e acontece agora com Eduardo Guimaraens, no bello trabalho de Arte — *Do Ouro, ds Sangue e do Silencio*, que acabamos de lêr e cuja leitura nos trouxe a confirmação documentada do grande valor de poeta moderno que é Eduardo Guimaraens.

Fig. 7. *Fon-Fon!*, 3 de Maio de 1913

Mário Pederneiras destaca Eduardo Guimaraens no conjunto dos jovens poetas modernos.

MOMENTO LITTERARIO

LUZ GLORIOSA

Poema de Ronald de Carvalho



Não se pôde fallar do bello livro de Ronald de Carvalho, sem se registrar uma nota interessantissima de verdadeira abnegação... litteraria.

Quando Ronald partiu para sua viagem á Europa, levava prompto para imprimir, um volumoso livro de versos, o seu livro de estréa, em que o numero de cousas boas era muito inferior ao de cousas inúteis, que só serviriam para alistar o novo Poeta na fileira inexpressiva dos innumeros poetas secundarios.

Depois de installado em Pariz, Ronald, uma noite, no socego do seu apartamento, releu o seu livro, cuidadosamente, despreoccupadamente.

Releu-o e não gostou; achou-o falho e cheio de impressões estranhas.

Longe do applauso incondicional das *coteries* litterarias e das amizades pessoas, do elogio facil da imprensa e de estímulos extemporaneos, sozinho, isolado em terra extranha, a idade mais sazoadada, o espirito mais educado pela boa leitura são e digna, o Poeta avaliou bem a inutilidade que representava o esforço daquelle livro, sem feição individual, nem segura nota de emoção real. Acabou de relê-lo, retirou-lhe duas ou tres poesias que lhe pareciam melhores e atirou ao fogo, resolutamente, o resto dos versos que deviam constituir o seu livro. E isto tudo sem arrependimentos, sem

exaggeros, calmamente, como se fizesse a cousa mais natural do mundo.

No dia seguinte, Ronald de Carvalho, começou a trabalhar no novo livro, que foi a sua grande preocupação, durante o tempo em que esteve na Europa.

Este livro ahi está, impondo-se como um trabalho superior, uma obra original e emotiva.

Ronald de Carvalho é Poeta, Poeta verdadeiro, com todas as qualidades de sentimento e de impressão. O seu Verso é musical e nervoso e desenhava a idéa que o inspirou com todos os detalhes e com toda a orquestração que ella pôde produzir.

A sua Poesia é de uma visão clara e sadia, ás vezes entristecida da natural emoção de um estado d'alma sombria; mas nessa propria tristeza, sente-se a saude e a alegria de quem a canta.

Canta a gloria da Vida
dentro do ouro dos teus sentidos
Canta o sangue que arde no teu sangue
...e a saudade das flores que não viste
Canta longe da Vida a tua Vida,
Canta a Alegria de viver contigo...

Luz Gloriosa divide-se em *Vida heroica*, que é todo um hymno magnifico de luz, de som, de côr, á Vida e á Natureza e em *Vida silenciosa* que é uma linda, uma suavissima expressão da Alma sentimental do novo Poeta.

Se alli, elle canta a

Gloria ao Sol que renova a alegria da Vida e nos emociona embaldadoramente com os *Rythmos rusticos*, com o *Ouro*, *Sol*, *Sombra* e *Neve*, com os *Sonetos da Vida*, *Sonetos preciosos* e *Missal*, que é uma audaciosa profissão de fé; é na *Vida silenciosa* que o Poeta nos diz:

Que te importa, afinal, andares a esmo
Longe da Vida, e, sobre a Vida, esquivo
Si tens o orgulho de ser sempre o mesmo...

que faz com um sentimento delicioso o *Elogio do silencio* e que nos *Sonetos intimos* exclama:

Bemditas mãos que me fizeram monge
e que me acenam na distancia fria
como um adeus... uma aza branca... ao longe.

que nos descreve:

E o veleiro partio... para os longes, no Poente,
E o caes, poeirento e bom, ficou triste e vasio...

que nos canta a *Lenda triste*, os *Versos sem rumo*, as *Canções do Sol posto*.

E o livro termina deliciosamente, com o soneto *Legenda*, que fecha com estes tercetos:

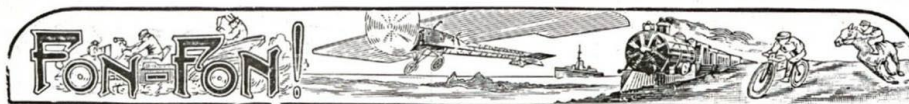
Canta no meu olhar a Alma de um cysne antigo,
De um cysne que morreu ao Sol-Pôr... no abandono...
E meu olhar é o meu melhor e unico amigo...
E caminho... e o caminho é sem termo... que importa,
Vou por elle commigo, até que venha o Outomno
E eu fique, por ahi, como uma folha morta.

E *Luz Gloriosa* entra, sem favores e gloriosamente para o numero dos melhores livros dos nossos Poetas Modernos.

E aggra, a terminar, algumas palavras de elogio e encanto, á belleza da edição do livro, em magnifico papel vellino d'Arches, trabalhada com o maximo cuidado pela Casa Crés, de Pariz.

M. P.

Fig. 8. Fon-Fon!, 10 de Janeiro de 1914
Ronald de Carvalho: de *Poema da Luz* a *Luz Gloriosa*.



FON-FON! EM PETROPOLIS



O Sr. Klepsch director da Brähma, a passeio na cidade Serrana com varios membros da colonia alemã.

Vontade de dormir

Fios d'ouro puxam por mim
A soerguer-me na poeira—
Cada um para o seu fim,
Cada um para o seu norte...

— Ai que saudades da Morte...

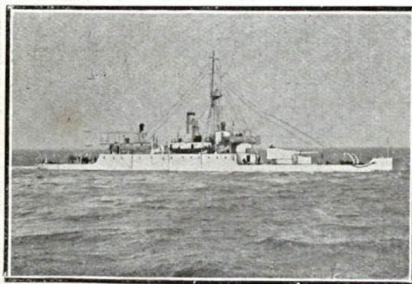
Quero dormir... ancorar...

Arranquem-me esta grandeza!

— Pra que me sonha a beleza,
Se a não posso transmigrar?...

Mario de Sá Carneiro.

A NOSSA MARINHA



O Javary, um dos tres monitores em construcção na Inglaterra (*Barrow-in-Gurness*). Essas tres novas unidades da nossa marinha são de traçado especial e se destinam a navegação em rio. As suas dimensões são: deslocamento, 1200 toneladas—comprimento, 80 metros—bocca 14, m 9 — calado 1, m 37 (4'—6')—velocidade maxima 11, 5 knots.

Outro dia, ia eu

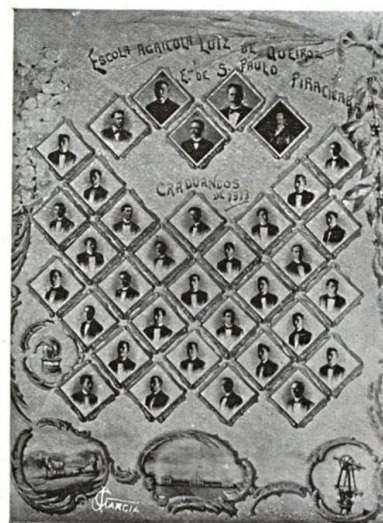
pela rua da Carioca abaixo ou acima, não sei bem, absorvido em umas tantas locubrações que me andavam a dansar o tango cá no salão de cima, quando ouvi a prosodia toda vibrante e desencadernada de um motorista ás voltas com uns carroceiros que, ao que parece, punham-lhe embargos á passagem.

A cousa devia ser essa, porque, distraído como estava, não dei muito pelas razões nem pelos protagonistas da tragedia. E lá absorvido ainda, a pensar commigo:

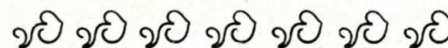
— Ora aqui está! Diziam que o governo não convocaria extraordinariamente o Congresso, que eram boatos e, entretanto, o governo o convocou.

Eu sempre sou muito distraído.

FON-FON! EM S. PAULO



Graduandos de 1913 da Escola Agrícola Luiz de Queiroz, de Piracicaba.



Poesias

é o titulo generico do livro do Sr. Nuto Sant'Anna, poeta paulista.

O verso do Sr. Nuto é correcto e sonoro, mas não tem novidade nenhuma de forma, nem pretende attingir, parece, á perfeição das exigencias parnasianas. É quanto aos themas que rima, não ha grandes novidades e nem parece que a originalidade seja um dos melhores predicados do autor das *Poesias*.

E' um livro que se lê sem grandes impressões, mas também sem cansaço e sem aborrecimento.

Fig. 9. *Fon-Fon!*, 24 de Janeiro de 1914
"Vontade de Dormir", de Mário de Sá-Carneiro.

ACTUALIDADE LITTERARIA

Palavras a um Novo.

Depois de uma profunda e dolorosa impressão de cansaço, conforme a tua carta me confessa, sentiste, ao terminar a ultima linha do longo «manifesto» que, ha dias, publicou o Sr. José Oiticica a proposito do Sr. Hermes Fontes e da sua obra, que as tuas idéas sobre poesia oscillaram um pouco. Confiadamente, mandas-me as tuas apreensões, pedes-me que te exponha o que penso de «tudo isso». E eu, como creio em ti e julgo a tua inspiração capaz de fazer ainda uma pequena obra prima para gloria tua e orgulho de todos nós, não hesito em te responder desde já — contrariado embora — *que as tuas idéas sobre arte deverão permanecer como estavam, e que a poesia não soffreu a menor sensação de abalo com a especie de manifesto que tanta inquietude te causou.*

Não, meu amigo: tu podes ficar tranquillo! Toda theoria esthetica quando se trata de fazer arte, arte que seja bella, arte que fique, arte «artística», é inutil, absurda, superflua. Tu sabes bem o que resta do romantismo, da corrente parnasiana, do movimento symbolista. Foram estes, entretanto, os tres grandes estados da poesia do seculo XIX. Que resta d'elles: alguns grandes livros, alguns grandes poetas. Poderás distinguir acaso o que haja de «escola» entre os mais bellos poemas de Alfred de Musset, de Lecomte de Lisle, de Paul Verlaine? Diferrem, como grandes poetas que são, Goethe, Baudelaire, Stéphane Mallarmé? Ficou o que havia de arte verdadeira, isto é, o que havia da alma do artista, feita emoção, feita imagem, feita rythmo. Ficou a differença da alma de cada um. Nada mais.

Isto quanto ás theorias de esthetica. Imagina agora o que tem succedido ás idéas sobre isso que podemos chamar muito expressivamente, ainda que nos repugne a formula: a moral da arte! Rememora um pouco e passa em revista mental as idéas do naturalismo, da poesia scientifica, da psychologia a Bourget, da arte social, do naturismo, do humanismo, do integralismo, do nietzscheanismo applicado á arte, tudo isso — desde aquelle funambulesco poestastro marselhez que quiz pôr em verso as obras de Humboldt, passando pelo scientificismo instrumentista de René Ghil, até esse curioso discipulo de F. T. Marinetti que, ha pouco, escreveu uma ode lyrica sobre a mobilisação do exercito bulgaro. Que depreendes tu d'isso tudo? O que eu depreendo naturalmente; o que toda a gente com algum criterio artistico depreenderá: que, em arte, não ha theoria possivel, não ha idéas centraes dominantes, scientificas ou não, a obedecer. Tudo é alma, emoção, instincto. De que te serve a ti, por exemplo, escreveres um soneto sobre a germinação do esporo, descrevendo-a com difficuldade, quando qualquer collegial a encontrará exposta com muito mais clareza e simplicidade — e com illustrações! — em qualquer compendio elementar? Quanto á pretendida emoção... Decididamente, não posso crer que tenhas dentro de ti a alma encanecida e veneravel de um velho naturalista: duvidarei portanto, como duvidei de um versejador belga que, ha alguns annos, escreveu um livro inteiro de sonetos sobre as idéas que a respeito da materia expendeu Gustave le Bon. Do contrario, seria o caso gravissimo de envergaras uma sobrecasaca preta e desandares para a Sorbonne!

Ha entretanto uma cousa menos grave. Tu te espantaste ingenuamente da audacia do Sr. Oiticica quando affirmou, sem lhe tremer a voz de orador pallido de propheta, que a poesia humana — isto é, a poesia nova, d'elle, Sr. Oiticica, do Sr. Hermes Fontes e do Sr. Augusto dos Anjos — nasceu e morreu com o, por varios titulos, notavel Lucrecio, tentou em vão (sic!) reviver com o velho Hugo Todo Formidavel, para vir ressus-

citar com elles, á sombra das palmeiras do Rio tumultuoso, afim de assombrar unicamente os teus olhos, tremulos de ler taes cousas, e envergonhar de forma inapagavel toda a velhice do saber europeu. Porque tal espanto, meu caro poeta? Das audacias dos poetas que lançam manifesto, nem os pobres burguezes se espantam mais!

Quando todos nós, que de arte nos occupamos e perdemos as noites á luz da lampada vigiial, somos obrigados a duvidar, magrado a nossa admiração, da genialidade de um philosopho como Bergson ou de um d'Annunzio, de um Maeterlinck, de um Verhaeren — tres grandes e puros Poetas —, que poderemos pensar da bellica audacia de um theorista que baralha collegialmente Darwin e Comte, Hæckel e Schopenhauer, acaba agora de «descobrir» o Monismo e fala do Sr. Hermes Fontes, que é aliás, por vezes, um bello e forte poeta, como de um assombroso homem de genio? — ou do Sr. Augusto dos Anjos, que é, tambem por vezes, um poeta exquisito e emotivo, como de uma cerebração quasi fantastica?

Como tu vês, Shakespeare tinha razão, por que ha realmente entre o céu e a terra cousas que a sabedoria dos homens não explica e que nós não devemos discutir. Tu, porém, pedes-me insistentemente um conselho. Queres dar um rumo «original e novo» á tua poesia. E eu respondo-te que é isso o que ha, para ti, de menos importante. Naturalmente, o essencial é que tenhas talento. Quanto aos conselhos, é simples: tudo está, a principio, em ler, ler muito, ler tudo, *até mesmo Lucrecio*. Sentir o que leias, sobretudo. E' preciso, depois, que vivas. Eu te direi: vive, ama, soffre. Sonha, acima de tudo! Sê o mais possivel tu mesmo: porque a maior parte do mal está em aniquilar a noção do Eu. Toda a tua poesia será immediatamente original. Tu saberás então que a arte, a Verdadeira, unica por conseguinte, só pôde ser pessoal, mas desse pessoalismo communicativo que põe a alma face a face com a alma. Tu saberás então porque Dante compoz os seus mais bellos tercetos e Edgar Poe estylisou as suas mais radiosas allucinações. Tu saberás então que ha e haverá sempre, entre a sciencia e a arte, esta grande fronteira mysteriosa que é o sonho. Tu saberás então que o que faz grande a Poesia, não é um soneto pretencioso e vulgar sobre a germinação do esporo, com rimas tolas e termos difficeis de normalista preciosa que, tendo comido camarões, diz que «ingeriu crustaceos acephalos»; nem uma invocação repellente á saliva que expellem e engolem os tuberculosos; nem mesmo um poema cyclopico e gelatinoso sobre a «retro-sondagem do cahos». Tu saberás, por fim, meu caro e amedrontado poeta, que todo o grande, todo o bello e todo o eterno da Poesia — hoje mais do que nunca — está em surpreender a alma humana em flagrante deante do eterno mysterio do Amor e da Morte, como, por exemplo, quando Peléas, tomando a fronte loira e amada de Mélisande entre as mãos, balbucia, á sombra do jardim, no silencio da noite:

— *Tu es si belle que l'on dirait que tu vas mourir!*

E assim, quando, transposta afinal a morte, á volta de algum mysterioso caminho, alguém — uma Beatriz de apparição — perguntar o que foi que viu a tua alma, tu poderás responder — e toda a gloria será tua e tu passarás serenamente por entre as folhas mortas que não te accusarão como a Peer Gynt:

— Eu vi a Bellesa!

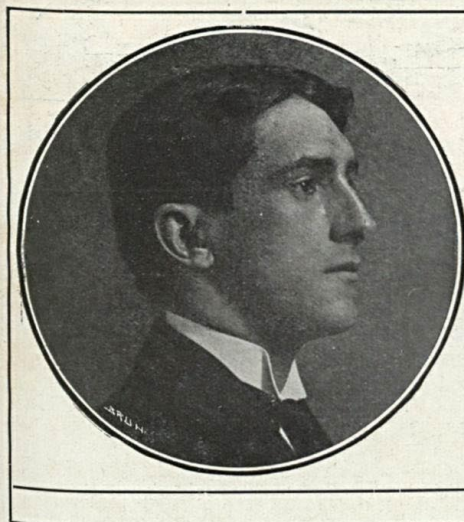
Que é o que nem todos poderão responder.

Outubro MCMXIII.

Eduardo Guimaraens.

N. da R. — Este artigo foi entregue a Fon-Fon no dia 3 de Outubro.

Fig. 10. Fon-Fon!, 25 de Outubro de 1913
“Palavras a um Novo”, de Eduardo Guimaraens.



O MOMENTO LITTERARIO

Evangelho da Sombra e do Silencio

DE

OLEGARIO MARIANNO



Anda pela Poesia nacional um salutar movimento de renovação.

O Verso soffre a natural influencia de temperamentos moços e fecundos e apresenta-se em forma diversa da que nos iamos habituando. O proprio assumpto procurado já se não limita a sumptuosidades de eras extinctas, nem á eterna repetição do scenario e dos typos mythologicos. O Poeta de hoje tira da sua propria alma e do seu proprio sentimento, o motivo da sua producção. Quando vae pedil-o á Natureza, não é só para a difficuldade da descripção ou do elogio grandioso. Tira-lhe também o que ella tem de suave, de simples, de delicado e de emotivo. A Natureza percebida atravez de um Verso moderno não é a mesma que nos impressionava nas apotheeses do versejar parnasiano. A Poesia de hoje é mais humana, mais sentimental e, talvez, menos indifferente. Prefere falar á Alma a seduzir o ouvido; e se da sua symbolisação não surgem vultos ou scenas bysantinas, nasce a ventura de uma emoção natural, de uma figura delicada ou de uma narrativa consoladora e real.

E' o que se dá com o Verso glorioso de Hermes Fontes. E' o que se sente na grande e suave delicadeza sentimental de Alvaro Moreira. E o que nos seduz na Poesia clara e saudavel de Felipe de Oliveira; no provincialismo natural de Durval de Moraes; na galharda inspiração original de Marcello Gama: na extranha visão esthetica de Augusto dos Anjos e na inspiração nova e na rima original de Homero Prates e na meiguice triste de Ademar Tavares.

E é essa a impressão que nos deixa o verso pessoal e a singularidade encantadora das estrophes, ora selvagens, ora deliciosamente romanticas de Eduardo Guimarães.

Esta é, innegavelmente, a geração renovadora do Verso Nacional. São estes os Poetas que chegam para a conquista do nome, atravez de uma expressão nova de sensibilidade e de idéa.

Sempre fomos o povo do lugar commum e da forma consagrada. A nossa preguiça de renovar, já passara a sentimento nacional, em Arte como em tudo mais.

O nosso Verso ficara na sumptuosidade parnasiana ou na repetição de velhas formas romanticas extinctas. Só era Poeta quem se nortearse por esse rumo consagrado.

E só podia ter valor quem a essas duas formulas se cingisse.

A actual geração de Poetas veio mostrar que ha também Poetas e magnificos Poetas, sem que seja preciso atar-se a qualquer uma dellas.

Eduardo Guimarães disse, com uma precisão admiravel que não ha escolas que fiquem; ficam os Poetas que são bons e os livros que tem merito. Foi o que aconteceu com o romantismo, com o parnasianismo e ha de acontecer com a geração de hoje.

Olegario Marianno pertence a esta geração. O seu novo livro é bem um resultado dessa nova corrente esthetica.

Elle é o Poeta das cousas suaves e dos sentimentos simples. Não é a gloriosa florescencia da Primavera, nem o vigor sadio do Verão, que o impressiona; é a tristeza do Outomno. Não é a arvore pujante e nova, cheia de fructos e de flores, que o seduz; é a Arvore velha cheia de recordações e de saudades, que dá motivo aos seus lindos versos.

Olegario é o Poeta sentimental, cantando a sua sentimentalidade delicada em estrophes simples e cadenciadas.

O seu Verso é todo musica e rythmo e o seu novo livro é um hymno melancholico ás cousas simples da vida e aos aspectos romanticos da Natureza.

Evangelho da Sombra e do Silencio, vem confirmar o nome de bom Poeta, que elle já conquistara com seus livros anteriores.

M. P.

Fig. 11. *Fon-Fon!*, 29 de Novembro de 1913

Mário Pederneiras: "não há escolas que fiquem; ficam os Poetas que são bons".

Bibliografia

- ALMADA NEGREIROS, José de (1965). *Orpheu 1915-1965*. Lisboa: Ática.
- BRAGA, Regina Stela (2008) (ed.). *Fon-Fon! Buzinando a Modernidade*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social.
- DIX, Steffen (2015). *1915 – O Ano do Orpheu*. Lisboa: Tinta da China.
- LINS, Vera (2008). “Em revistas, o simbolismo e a virada do século”, in Regina Stela Braga (ed.), *Fon-Fon! Buzinando a Modernidade*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, pp. 59-74.
- MOREIRA, Álvaro (2007). *As Amargas Não... (lembanças)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras.
- PESSOA, Fernando (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (1999). *Correspondência: 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1967). *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*. Edição de Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- QUENTAL, Antero de (2002). *Sonetos Completos*. Lisboa: Ulisseia.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (2001). *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- SARAIVA, Arnaldo (2004). *Modernismo Brasileiro e Modernismo Português*. Campinas: Unicamp.